

L. 27135⁸

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

ESTUDOS LITERÁRIOS

DA OBRA DE
VARGAS VILA

POR

J. FARIA GAYO

LISBOA
«SEARA NOVA»
1934

L

27135

DA OBRA DE VARGAS VILA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA DA SEARA NOVA
CALÇADA DO TEJOLO, 37-A—LISBOA

Shi

DEP. LEG.

J. FARIA GAYO

Lo 8
27185



K. 124272

DA OBRA DE
VARGAS VILA

LISBOA
«SEARA NOVA»
1934

Da obra de Vargas Vila (1)

I

Não é Vargas Vila um escritor completamente desconhecido no nosso país. Todavia, também não tem aquela nomeada de muitos outros, que lhe são bem inferiores não só no campo de pura estese literária como ainda no campo do pensamento. Eu sei que êle é irreverente demais para que os preconceitos sociais e religiosos do nosso meio o tolerem ou, pelo menos, lhe dêem aquela publicidade a que tem jus. Mas isso é mais uma recomendação para que dêle me ocupe, certo de que tais prejuízos não devem alçar-se à esfera duma vida mental desempoeirada e livre.

Merece a pênna meditar na obra dêste homem,

(1) Êste pequeno ensaio, salvo algumas leves modificações que não affectam de maneira nenhuma a linha geral da sua primitiva estrutura, safu publicado, pela primeira vez, nos N.^{os} 322, 325 e 331 da *Seara Nova*.

obra que é verdadeiramente grande; obra que é espelho duma personalidade que mergulhou a inteligência e a sensibilidade nos grandes acontecimentos políticos e literários da sua época; obra que traz muito da sua extraordinária vida de revolucionário, dos seus entusiasmos e paixões.

Contudo, nunca a sua alma se identificou com a alma da multidão e das coisas que se agitam nos seus livros. A simpatia universal dum Vitor Hugo ou dum Antero nem a procurou nem a quis. As grandes dores humanas, vibrantes de eterna comoção, não o afligiram, não tocaram o seu coração de artista. Ficou-lhe muda a alma às solicitações das desgraças alheias. Os problemas intelectuais conquistaram-no avassaladoramente. Só aí enxerga a única e verdadeira dignidade mental, o único e verdadeiro interesse humano. Vive e pensa para além de todos os vícios, crimes e injustiças sociais. É bem o *super-homem* de Nietzsche, recebendo agora o nome de *génio*. Olha com sobranceira para o resto dos mortais — risíveis pessoas acorrentadas à sua eterna mediocridade, vítimas ridículas dos seus sentimentos gregários de *rebaño*. Ele é insensível; é altivo; é orgulhoso. O orgulho domina-o mesmo em absoluto, abundando na sua obra passos como os que seguem :

« ... de trinta años a esta parte ninguna alma de rebelde se há formado en aquel continente

(América latina) que no aya sido formada por mis libros ». (*Flor del Fango*).

ou ainda :

« Y, esa Ausência Absoluta del Amor, es la unica gloria a que yo aspiro ;

«*Ya que la Gloria del Olvido* (o sublinhado é meu) *me ha de ser vedada.*» (*El Ritmo de la Vida*).

Não aflora, em Vargas Vila, nem ténue vislumbre de solidariedade humana. Pelo contrário ; o que êle proclama é que «el Desprecio, es el único sentimiento que vive en el corazón del Hombre Libre». Acêrca desta faceta do seu carácter, escrevi eu, há tempos, num artigo publicado no *Diário da Noite* e intitulado «À margem da obra do escritor Vargas Vila», o seguinte : «o universo resolve-se, para o escritor ilustre, numa hipertrofia do eu, num egotismo profundamente ibseniano, desprezador do comum dos homens e das coisas».

O egoísmo é a norma reguladora da sua conduta:

« Todo sentimiento, que no tiene el Egoismo por esencia, no es un sentimiento, es una aberración. » (*El Ritmo de la Vida*).

Talvez que a predigiosa imaginação fôsse causa da secura dos sentimentos generosos. Não sabe chorar ; não se comove. Vê no sofrimento um

acidente banal da vida, qualquer coisa de inteligível que, por isso que inteligível, há que compreender, e aceitar — se se é covarde; não aceitar e morrer — se se é forte. Discute o sofrimento mas coloca-se para além d'êles, porque só sofrem os que querem sofrer, os fracos. E estes não merecem comiseração. Confundir-se-ia com êles o homem superior que descesse a lamentá-los.

Não nega, bûdicamente, a dor. E sente-a, mas sente-a egoisticamente, não no-la apresenta em vibrações emocionais, antes a argumenta, a teoriza. Neste pormenor (e à parte o que há aqui de sabor nietzscheano no que toca à preocupação de subverter a moral estabelecida de cunho generoso) toma a atitude dum helénico, tanto mais para estranhar quanto é verdade que está sempre pronto para zombar da razão e da lógica, prêso ao êrro de que o lógico é antagónico do artistico. Eis como êle se exprime:

« Sócrates, mató a Dionísios :

« la Belleza, murió a manos de la Razón. » (*El Ritmo de la Vida*).

Um escritor cujo carácter assenta, como acabamos de ver, na antipatia, no orgulho, no egoísmo — havia de, fatalmente, odiar o vulgo, fazer a apologia do mais desvairado individualismo e aspirar a uma aristocracia intelectual exclusivística e olímpica. E de facto, assim é. De facto, assevera

que « el génio, no ama la tierra que pisa; y, tiene horror al Cielo que lo cobija ». (*El Ritmo de la Vida*). E acrescenta que o génio se gera na solidão e na solidão deve viver, Nada mais propício do que o isolamento aos grandes cometimentos intelectuais. É no isolamento que o homem atinge superior espiritualidade. Semelhantemente a Nietzsche, pretende que a vida flua para além das suas próprias circunstâncias sociais. A fórmula dêste é bem conhecida: *Para além do Bem e do Mal*; a de Vargas Vila é idêntica: « no amar, no odiar, eso es libertarse de la Vida ». Adapta-se-lhe perfeitamente aquela frase de Ibsen (vem em o *Inimigo do Povo*, se bem me recordo): « O homem mais forte do mundo é o que vive só ». Vargas Vila desejou, em verdade, ser forte e foi-o; foi-o no sentido de impor a sua obra contra todos os prejuízos sociais do seu meio (América espanhola) e da sua época. Lutou contra os críticos, contra os amigos e inimigos, sem desfalecimentos, sem ceder um ápice. O entusiasmo caracteriza tôdas as suas tendências e teorias literárias.

Refugiando-se na tôrre de marfim da sua solidão, do seu universo, (« cada Hombre, afirma em *El Ritmo de la Vida*, es un Universo áparte; mesclarse, es eliminarse »), fugindo ao convívio das gentes, fêz uma obra for-emente intelectualista. Divagou acêrca dos instantes problemas da crítica, da filosofia, da história, da arte, da poesia... E se nem sempre os tratou de forma cabal e de-

fensável, todavia percorreu sempre com brilho e muitíssimas vezes com génio.

No desenvolver das teorias literárias, colocou a arte e a poesia em primeiro lugar. Fala delas com enlêvo, com comovedor disvelo. Nelas faz consistir a própria essência das coisas, como se o mundo fôsse permanente e infinito devaneio.

¿ Que é a arte, segundo Vargas Vila? Sonho, Visão. É a projecção no exterior do eu profundo do artista. Não é razão mas sensação pura. É o próprio artista: «el Arte está en uno: es uno mismo», diz êle no *Lirio Rojo*. A arte, assim estruturalmente pessoal, estranha a escolas, feita do sôpro de beleza que irrompe da alma do artista, vale especialmente como sugestão e não como expressão real dum motivo. No devaneio que nos fornece, no extremeção de ideal que nos comunica, é que está todo o sublime da arte. Porém, não nos iludamos, atalha o autor, a arte assim como não é impessoal também não é universal. Para a compreender, ou melhor, para receber o halo de beleza que ela sugere, é indispensável ser uma alma de eleição e ser-se um iniciado. Muito poucos são artistas e menos talvez os que se irmanam com as criações daqueles. O público é artisticamente apático; é ignorante de arte; mais: não a sente e aliás a profana e destrue. Seria ridícula e insuportável uma arte de inspiração popular. ¿ Porquê, ridícula e insuportável? Porque a arte é condicionada pela liberdade: «la

Libertad, debe ser la inspiración del Arte Actual» (*Lirio Rojo*); quem não fôr livre não será artista; ora o povo... «es, naturalmente, esclavo» (1).

De tôdas as formas de arte, Vargas Vila destaca com preferêdncia a poesia. Não porque abertamente o diga mas pelo muito que dela se ocupa. Exaltá-la é mesmo a sua preocupação absorvente. As tendências do seu espírito justificam, sem dúvida, esta preferência. Êle é um lírico, um poeta-prosador. Um poeta sem versos, é certo, mas um poeta pelo sentimento e pela harmonia do estilo. De resto, não fêz mais do que executar na prática o que teòricamente defendeu. Em realidade, entendeu e sustentou que:

« El Ritmo, és más que la Musica de la Poesia; es su esencia ;

« donde quiera que hay Ritmo, hay Poesia, aunque no haya verso, pues muchas veces el verso es antipoético ;

« yo no sé que Chateaubriand sea por nadie considerado un versificador ;

« y, sin embargo, ¿ cual Poeta más admirable que él?...

« Solo Hugo y Lamartine le fuerou iguales. »
(*El Ritmo de la Vida*).

Para Vargas Vila, a poesia consiste em som,

(1) *Sombras de Aguilas*.

cadência verbal, harmonia subjectiva a expressar-se em música da alma semelhante ao «arrullo de uma paloma enamorada» ou — veja-se *El Ritmo de la Vida* — «canto de un ruiseñor bajo el Silêncio de la Noche». Não compreende nem admite poesia sem mistério. A verdadeira poesia atinge-se por um processo de adivinhação. Mallarmé, é, por isso mesmo, o grande, o verdadeiro poeta. Porque, melhor do que ninguém, possui o segrêdo da forma. A idea, se Vargas Vila a não considera anti-poética, tem-na, pelo menos, na conta de elemento estranho à poesia: «la Idea, no es problema para el Verso, como el Aguila no es problema para el canto...» (1).

Sacrificando o fundo à forma, a idea à palavra, também não encontra interêsse poético na revelação objectiva da natureza. Para que esta se transforme em fonte de iuspiração poética é preciso que entre na alma do poeta, e fique música e fique canto.

A poesia, e tôda a arte em geral, tem que ser exclusivamente lírica e ha de consistir em «buscar um ritmo de expresión, en adecuación con lo Infinito...» Mas não concede beleza artística a todos os sentimentos, ainda que líricos. Assim a fé — sentimento desprovido de belo. E porquê? Porque a fé tem uma condição «metafísica, es decir, extra-humana, ilimitada y falsa».

(1) *El Ritmo de la Vida*.

Fácilmente se verifica que existe nesta teoria artística-poética uma tendência selectiva, definidora do belo como um autêntico monopólio. Nem tudo é belo, nem todos atingem o belo. Estamos, sem contestação, em presença duma concepção simbolista da arte. O que o autor percebeu, pois, é o hermetismo, a arte de tertúlias *raffinées*, a arte complicada de *nefelibatas*, daqueles que arrogantemente diziam fazer «arte pela arte» e que igno- rantemente escarneciam do público, da clareza e do bom-senso.

A arte, já acima o disse, domina por completo as teorias literárias de Vargas Vila. Obcecado por esta idea da pan-arte (perdõem-me o termo) tudo encara debaixo de um aspecto subjectivo. A história e a critica, *verbi-gratia*, não fogem à regra. Em nenhuma delas reconhece o método, atitude mental que as aproxima da ciência. Em ambas prevalece a romântica inventiva individual. São o que o seu autor fôr; valem o que êle valer; vêm cheias da sua pessoa, das suas virtudes e dos seus vícios. Vejamos a história: em vez de a definir como exposição e crítica subjectiva e imparcial dos factos, diz-nos as variantes que teve através dos tempos e dos historiadores diversos:

« Com Tácito, será la Elocuencia; con Plutarco la adulación; con Tito Livio, la Belleza », etc. (*El Ritmo de la Vida*).

Fiel ao mesmo pensamento, exerceu a crítica atrabiliariamente. Podemos e devemos dividi-la em crítica política e crítica literária. A primeira é demagógica e demolidora. Não se exerce sobre princípios mas sobre malquerenças e despeitos. É azeda e verrinoza, denotando o homem que tentou em vão a fortuna política. Ataca inexoravelmente todos os adversários e todos os sistemas políticos (1). Assim, com respeito a estes:

« ... la Democracia, no ha sido en el mundo sino la revancha de los siervos; »

.....
« O anarquismo é « desarrapado e sucio; »

A monarquia não merece sequer a honra da discussão. Enquadra nos governos representantes da tirania, e esta não se discute nem se desculpa. Esmaga-se. Destruí-la é o dever imperioso de todo o homem livre, quer essa tirania não transcenda as fronteiras de cada nação e pertença a um homem ou classe, quer seja a conduta internacional de povos contra povos, como a da Inglaterra contra a Irlanda, a da América do Norte contra as repúblicas centrais, a da Europa contra a China, etc., etc.

Não é um democrata, não é um anarquista, não é um monárquico. ¿Qual a política de Var-

(1) Leia-se o *Verbo de admonición y de Combate*.

gas Vila? Dificil é de o dizer. Aceita a democracia mas como o menor dos males; não a justificar porque ela tem a significacão duma renúncia para os espíritos superiores; porque é uma abdicacão quási infamante para o génio, quando chegue a amá-la. A democracia—como faz lembrar Nietzsche, até mesmo na terminologia!—é o regime próprio dos fracos, porque é para eles uma necessidade imperiosa. Oiçamo-lo:

« ... los... debiles sou demócratas por Necesidad; los grandes Espiritus, llegan a serlo por generosidade. » (*El Ritmo de la Vida*).

Há uma coisa que é idubitável e vem a ser que Vargas Vila reclama, como base e fim da sua campanha política, um regime que seja a defesa insofismável da liberdade. Mas uma liberdade ampla, liberdade sem limites, —aquela liberdade que tem sido exigida por todos os individualismos estremes e que não conhece, nem reconhece, o racional e inseparável princípio da solidariedade social. Conseqüentemente, implica a negação da fraternidade e da igualdade. Nega, com efeito, Vargas Vila a primeira porque a acha « odiosa », porque « es un grito de mendigos en la Noche »; nega a segunda porque:

« ... es la Esperanza de los debiles y la Amenaza de los fuertes ;

«Nigun Hombre Extraordinário, es un Hombre Iguatário.» (*El Ritmo de la Vida*).

A segunda—a crítica literária—é tôda impressionista. Leia-se qualquer dos seus livros (destacarei Ruben Dário e Sombras de Aguilas) e com facilidade se verá que o que êle nos dá âcerca dos autores em que fala ou das obras de que trata, é uma série de digressões literárias que foram sugeridas por êsses autores e por essas obras. Como Júlio Lemaitre, não se embaraça com teorias. Não analisa. Não explica o que se propôs estudar. Evoca; divaga; faz arte sôbre a arte dos outros. Põe em prática aquela peregrina opinião de que a crítica é uma criação dentro doutra criação, sem que haja submissão aos factos, *contrôle*, verificação, dúvida.

II

A obra de Vargas Vila é uma síntese do materialismo sensualista e intelectualista dos fins do século passado e primeiros anos do século decorrente. A parte dessa obra que êle designou de filosófica (veja-se *El Rosal Pensante* e *El Ritmo de la Vida*) lança as bases do sistema; a outra parte, e em especial as novelas posteriores a 1905 (1), é a realização artística dêsse sistema. Não se julgue, porém, que é o materialismo como doutrina metafísica o materialismo da tese vargasvilana. Êle zomba de todos os sistemas filosóficos e reputa-os « algo tan inútil como las Religiones »; êle combate tôda a metafísica, visto que :

« toda metafísica es empirica, porque todo lo que vá más allà de las cimas visibles de la Mate-

(1) É uma data aproximada, porque não disponho, neste momento, dos elementos necessários a poder dar uma cronologia segura.

ria, se hunde en los cielos vagos de la Hipótesis, florecidos de quimeras.» (*El Ritmo de la Vida*).

O seu materialismo consiste, aliás, numa concepção mecânica da vida. É, em vez de metafísica, hipótese, método que considera que:

Primeiro :

« el Mundo es : Indivisible ; el Mundo és : Uno ; y se llama : la Materia » ;

Segundo :

« La Materia no tiene sino dos expresiones : la Vida, es decir, *la actividad visible* de la Materia ; y la Muerte ; o sea, la actividad invisible de la Materia. » (*El Ritmo de la Vida*).

¿ Como nos apercebemos da matéria? ¿ Como põe Vargas Vila êste segundo problema, qué é nem mais nem menos que o problema da existência do mundo exterior? Agora o autor é um idealista. Por isso as coisas são os nossos próprios pensamentos. O mundo material não existe como realidade autónoma. É uma abstracção do espírito, ou, se querem, o produto da razão individual, uma função do eu. Portanto, inspirando-se, sem dúvida, no idealismo ontológico de Fichte — a-pesar-de o mimosear, de quando em

quando, com os qualificativos de « inane » e « estéril » — exclama :

« el Mundo no existe sino en vosotros, y como una refracción de nuestro yo... ». E mais adiante : « fuera de nosotros, no hay sino la Nada. » (*El Ritmo de la Vida*).

Parte desta explicação da existência do mundo para afirmar que a vida é igualmente uma construção do nosso espírito (« la vida es un estado mental de nuestro yo »), e para negar a existência real de Deus :

« Dios soy yo ;

.....
« suprimid en Mi el receptáculo de las Ideas, y la Idea de Dios desaparecerá de Mi ; y Dios morirá en Mi ;

.....
« he aí como una bala de revólver puede matar a Dios, rompiendo las células de un cérebro... roto el nido, muere el pájaro... »

« ¡ pobre nido y pobre pájaro que crió la Fantasia !... » (*El Ritmo de la Vida*).

O homem integra-se neste quadro geral como instinto. Tôdas as nossas manifestações vitais, desde as mais rudimentares às mais elevadas, são reacções dessa fôrça tão poderosa quanto obscura. Mas a todos sobrepuja o instinto sexual. A se-

xualidade comanda imperativamente o homem. Tanto lhe pode dar a feição dum génio como a garra dum criminoso, sucedendo que muitas vezes coincidem no mesmo indivíduo o instinto da criminalidade e o instinto genial. Leiam, por exemplo, a trilogia dos *Lírios* (1).

Nestas três novelas, o autor estuda a evolução psíquica, social e artística dum personagem — *Flávio Durão* — nascido e criado nas Américas espanholas e que se transporta, ainda menino e moço, à Europa, onde se faz um pintor de universal nomeada. Cerca-o, no velho continente, uma franca admiração, manifestada por todos os modos: pelos elogios dos jornais, pelos banquetes de honra, pelos prémios conquistados em exposições diversas... A fortuna sorri-lhe sob todos os aspectos. E ao mesmo passo que cresce, da sua parte, o desejo cada vez maior de triunfar, cresce de igual intensidade o desejo abrasador da mulher. Desejo carnal, apenas — porque a mulher não é objecto de amor (*todo amor envilece*), mas objecto exclusivo de satisfações fisiológicas; é a fêmea, «el Vaso del Placer...; id a ella; dadle besos, muchos besos; coronadla de besos hasta morir;

«pero no la dejeis ponerse en pié, seréis devorados por ella;

«la posición horizontal es la única posición, la posición natural de la mujer».

(1) *Lirio Blanco, Lirio Rojo, Lirio Negro.*

E este sensualismo brutal, que divinamente inspira as suas telas, leva-o à conquista desesperada da mulher, passando por cima de todos os preconceitos e calcando aos pés os mais nobres sentimentos. Desflora menores; deshonra lares; provoca suicídios; envenena as amantes; tem amores incestuosos com uma filha, não hesitando, para a possuir, em passar sôbre o cadáver de seu próprio filho, morto nas suas mãos filicidas.

Em geral, os romancistas psicológicos estudam almas, vidas psíquicas que atravessam a estrada da existência apoiadas ao bordão seguro da consciência e de olhos fitos num ideal sublime, feito do sonho da eterna beleza e da eterna bondade. Não assim Vargas Vila. Para este, tôda a actividade mental reside no erotismo, na *libido* freudiana (1).

O processo freudista de análise psíquica surge nos episódios constantes de inversões, perversões, despertar violento da puberdade, onanismo, etc. No fôro íntimo dos seus tipos não há lutas de consciência, mas ardências libidinosas, das quais resultam os mais inéditos destrambelhos. Veja-se,

(1) V. Vila deve ter conhecido o freudismo logo no seu início. Não tenho à mão dados exactos para fixar datas. Contudo, os seus livros datados dos primeiros anos do nosso século acusam já influências do célebre médico de Viena, cujas teorias V. Vila teria estudado em Itália, quando da sua estada ali, desde 1899 por diante.

na *Salomé*, o caso de S. João Baptista que, preso de Herodes, se deixa apaixonar por Salomé, a acompanha na fuga que esta lhe dá e se entrega ao seu amor lascivo, esquecido do seu passado de anacoreta e da austeridade da sua palavra iluminada. Mas o instinto sexual do santo não se satisfaz com a simples posse da mulher. A sua lubricidade exige sangue também. Por isso a assassina, por isso, para não cair de novo sob as mãos do tetrarca, se suicida, agarrado à cabeça ensangüentada de Salomé. S. João Baptista e Flávio Durão realizam perfeitamente o tipo que Freud classificaria entre os casos de *nevrose obsessional* (1), ou seja uma regressão à organização pregenital, que torna possível a transformação dos impulsos amorosos em impulsos agressivos contra o objecto.

Veja-se ainda, em *Maria Madalena*, o caso de Cristo, em que a volúpia sensual que o consome o transforma num histérico, num paranóico perigoso para a ordem social do seu meio, e como todos os débeis, como todos os falhados e os ignorantes, deixa-se acorrentar à morbidez das suas visões e ao lirismo das suas expressões simbólicas de amor. E o simbolismo desse amor fraterno não é, ao fim de contas, senão o véu com que o Nazareno encobre a sua febre sexual.

Emfim, o que falta, para completar o quadro freudista, são a homo-sexualidade, a ambisexuali-

(1) Em *Essais de Psychanalyse*.

dade e a censura. A falta desta não é, porém, de admirar, porque sendo ela o *contrôle* do *eu superficial* sôbre o *eu profundo* (ou, se preferem, do *moi* sôbre o *soi*), é, por isso mesmo, um movimento de consciência; logo, uma atitude moral. Ora a luta moral não interessa ao ponto de vista de V. Vila; para ser mais preciso: interessa-o negativamente. Vargas Vila declarou guerra a tôda a moral («toda moral es... Anti-Natural, y Anti-Humana»), mas, por tanto a combater, resvalou para o plano oposto, que é também um plano moral, dando-lhe assim uma importância que não desejava, tornando-a o centro de determinados «*refoulements*», como diria Freud. Em ética, êle mostra-se claramente partidário dum freudismo monodeísta, quando é certo que o verdadeiro freudismo não condenou, tão inexoravelmente, a moral estabelecida. Apenas pretendeu humanizá-la, individualizá-la, quebrar-lhe as arestas que brigam com a natureza. Freud concebe um dualismo que admite tendências capazes de reprimir os instintos sexuais. Hesnard, citado por A. Marie em *La Psychanalyse*, põe o problema tal e qual êle é:

« La Morale, encore plus en retard sur la vie, condamne par principe toutes les manifestations un peu ardentes de l'instinct. Or, une morale mal comprise est une force psychique aussi dangereuse que puissante. Trop catégorique elle est l'origine de toutes sortes de maux: destinée mal-

heureuse, caractère de l'individu en conflit, avec sa vraie nature névrose.

«Protégée par une morale plus conforme à la nature vivante, la race serait plus libre et plus forte...»

Viver *secundum naturam*, eis a regra que impõe o freudismo, eis o princípio básico, a essência da sua moral. V. Vila, fazendo ultra-freudismo, contesta este princípio e manda viver não conforme com a natureza, mas contra a natureza. Todavia, dando largas à sua incoerência, nem sempre manteve uma unidade anti-moral. Aqui e além deparam-se-nos afirmações que oscilam da moral utilitária para a moral nietzscheana. É exemplo da primeira o seguinte passo :

« la base de toda Etica es el Interés. »

É exemplo da segunda o que segue :

« la Moral hà sido el Código Social imponiéndose al Individuo, para limitarlo y anularlo ;

.....
« Todo Precepto, todo Deber, toda ley es un yugo ;

.....
« ningún Hombre Extraordinario es un Hombre Igualitario. » (*El Ritmo de la Vida*).

É bem evidente, aqui, a tendência para a mo-

ral em que Nietzsche exalta a «volonté de puissance», a tendência para uma moral inacessível à massa popular, moral forte, intelectualista, espécie de monopólio dos homens superiores, que é como quem diz: dos pensadores e artistas.

Mas a quebra de unidade ideológica é freqüente e surge-nos sempre que o autor deseja atingir certos efeitos literários. À arte sacrifica tudo. Por isso a sua obra, ainda mesmo aquela a que êle chama filosófica, está, por entre a idea directriz do materialismo sensualista, polvilhada de pessimismo e de niilismo. Eis porque inúmeras vezes escreve:

De Deus:

«Dios es lo Supremo Mal.» (*Lirio Negro*).

Da vida:

«la vida es Implacable; solo la Muerte es Pia-
dosa. ¡Ben dita sea la Muerte!...»

.....
«La Sombra mala que se escapa de todas las
cosas de la Vida y viene hacia nosotros, entra en
nosotros y reina sobre nosotros...»

.....
«oh! como la Vida es Mala...» (*El Ritmo de
la Vida*).

Da verdade e da dor:

«la verdad no existe sino creada por la locura
de los hombres;

« no hay verdad, como no hay divinidad: sinónimos de la sombra; »

.....
« no hay cierto sino el dolor; fuera de él no existe sino el espacio, poblado de sollozos; » (*Lirio Rojo*).

Da mulher :

Acêrca desta defendeu sempre a tese de que ella é a sensibilidade dum momento. Só vale como desejo. Não sabe amar, não tem dedicações profundas e eternas, não conhece a gratidão. ¿Querem a alma da mulher? Têm-na na *Maria Madalena*. É ella a causa da crucificação de Cristo e é a causa do enforcamento de Judas. Sendo a amante dêste, atraíção-o, entregando-se àquele com frenética volúpia e abandona tôdas as riquezas e deixa-se insultar pelos sequazes do Nazareno e segue-o esfomeada, rôta a túnica, exaustas as forças, surda às lamentações e aos gritos de vingança de Judas. Pois bem; em pleno Calvário, tendo sôbre a cabeça, pendurado da figueira, o cadáver, ainda quente, de Judas, e na sua frente, crucificado, o corpo exangue de Jesus — os dois rivais que tanto a amaram e que pelo seu amor morreram, vítima aquelle da imensa dor de a perder, e vítima êste dos ciúmes do primeiro — ella, mal acordada ainda do torpor de tantas emoções, rende-se aos galanteios canalhas dum centurião e « bien pronto, no se oyó en la soledad, sino el

ruido de un beso !... y, otro beso... y, otro beso...».

A mulher, como o amor, significa, emfim, escravidão, deslealdade, traição. Há que derrubá-la do pedestal hegemónico a que se guindou. De resto, ela não é mais do que o elo duma ordem social assente exclusivamente em convenções tôlas e mentirosas, que a todo o homem superior compete destruir.

« el Hombre sin Dios, sin Patria, sin Familia, sin Amigos... »

*

* *

Na arte de Vargas Vila nem sempre há equilíbrio e sobriedade estética. A sua obra é um jacto de entusiasmo, uma genial improvisação, que, por ser improvisação, muito tem de superficial e leviano. Contudo, essa obra, vibrante de inspiração, reflete em mais dum ponto imorredoura beleza, que se traduz nas mais diversas e surpreendentes criações artísticas. É dramática, como quando, em *Maria Madalena*, Jesus, passando em revista a sua prêgação e os sentimentos que lhe dão vida, examinando friamente, sinceramente a sua consciência, antevê essa prêgação como futuro desmoroamento social, como organização despótica, como aluvião de ambições e crimes; e apalpa nes-

ses sentimentos muito orgulho, muita mistificação, e muitos desejos inconfessáveis... E por entre tantos desejos, avoluma-se a visão provocadora duma mulher que lhe oferece, a êle que se diz austero e puro e divino, a sua carne palpitante de luxúria! Então tenta fugir, quer morrer e por fim não consegue mais do que em voz estrangulada, gritar: « ¡Padre mio! Padre mio! salva a tu hijo. » ¡E o pai não o ouve! ¡E diante dêle, tomando forma, a enrolar-se nêle, está, qual atracção abismal, a visão impura, o corpo de Madalena! ¡Vai cumprir-se o destino!

« Y, vencido cae, por el Amor, aquel que habia venido a encadenalo...

« Y, el bosque todo tiembla en una fiesta nupcial;

.....
« en la sombra se ve a Madalena que se encarna en besos asesinos... »

Ou ainda, quando no *Lírio Negro*, Flávio Du-
rão—ao contemplar a filha cuja virgindade vai roubar; ao examinar o filho (Mânlio) vítima, por atavismo, de depravadas taras e ao rever a sua própria vida manchada das mais abomináveis repugnâncias—monóloga, num estremeção de consciência que não chega a ser remorso mas apenas o desalento de quem não pode lutar contra um fado negro:

« Y, tuve piedad de ella, de su juventud llena de cosas ardientes y sagradas...

« tuve piedad de su madre...

« tuve piedad de Manlio, en quien tantas cosas monstruosas se cumplían ;

« y, tuve piedad de mí, que veía aquel naufragio de almas, naufragio yo también... »

É mordaz e sarcástica, como quando, em *El Ritmo de la vida*, se refere aos filósofos :

« ... ese Hombre (o contente com sua sorte) é un filósofo, ó un tonto...

« y no os digo un Filósofo Tonto, para que no me critiquéis por el pleonasma. »

Ou, como quando, nas *Sombras de Aguilas*, se refere à religião :

« ... la religion es la bellota que alimenta los cerdos de la Escritura ; »

E irónica e paradoxal, como nas seguintes passagens de *El Ritmo de la Vida* :

« ... he visto un Académico a caballo ; y he quedado admirado de la carreción de ambos animales. »

e

« todo Pesimismo viene del Amor. »

Mas a verdadeira arte de Vargas Vila está na forma. Como a sua obra é uma obra de demolição e de combate, e por isso mesmo cheia de subjectividades, o pensamento toma a-miúde o tom oratório que emociona e apostrofa. Esta eloquência, que é viva espontaneidade de intensa vida interior, vem carregada a cada momento de sensibilidade poética.

Aqui, ante a latinidade que se afunda, há desespêro e amargura :

« Miré hacia la Historia de la raza, y la Historia de la raza no era sino un gran gesto heroico hacia la Muerte ;

« miré hacia el porvenir de la raza, y el porvenir de la raza no era sino una marcha desesperada hacia la Decadencia, hacia la Desaparición y hacia la Muerte ;

« por todas partes la Muerte, envolviendo la raza heroica, herida de espanto y caída em decrepitud ;

« porque habia sido una raza de Fe, pero no una razão de Libertad ;

« La Fe (1) es la virtud de los rebaños ;

« La Libertad, es el alma de los pueblos ;

« y, la raza moria de su alma claustral, que no habia sabido amar la libertad ;

« y, un Cristo, verde y pútrido, miraba desde

(1) Em chamada, diz o autor que fala da fé religiosa, «ese virus fatal».

el peñasco crepuscular la marcha de la raza espectral hacia la Muerte;» (*Verbo de admonición y de combate*).

Além, sobretudo em novelas de assunto bíblico e com acentuado gôsto lírico, usa da prosa rimada:

« esas cosas sin *nombres*, nascidas del capricho vagabundo de los *hombres*... vago rumor de *muchedumbre*, que en la *dulcedumbre*... ya la luz estelar alumbra el *apósito*, y, los ciclos de *argento*... », etc. (*Maria Madalena*).

Ainda que a prosa lhe não saia com o sábio arranjo da frase anatoleana, é, contudo, rica de harmonia. Tem o ritmo do simbolismo de d'Annunzio e a robustez das declamações de Vitor Hugo. E desenvolve-se por uma cadeia das mais arrojadas e apropriadas imagens, em que a consequente é conclusão imediata da antecedente, ao mesmo tempo que sua amplificação melódica e conceptual. Por exemplo:

« La luna, es como un lirio que se prende a los labios de la Noche;

« la Noche solitaria es una ofrenda; hay algo de Inocencia en sus tinieblas;

¿ No es como úna tiniebla la Inocencia?

« la Noche tiene inquietudes de Holocausto;

« se diria que quiere ofrecer-se en sacrificio por los pecados tormentosos del Dia;

« la Noche, es una Expiación ;
« asi la Noche de la Vida ;
« en ella, sentimos el horror de haver vivido ;
« es un lirio marchito, cuyo cáliz repleto de
lagrimas, se alza ya sin perfumes, hasta los labios
mudos de la Muerte...

.....

« Morir es redimirse ;
« la muerte, es un Jordán.» (*El Ritmo de la
Vida*).

O pitoresco não abunda no seu estilo e certamente porque a Vargas Vila falta o gôsto do por-menor, aquele meticuloso espirito de observação que nos realistas nos deu descrições de imperecível beleza pictoral. O recorte dos personagens é puramente psicológico : os caracteres físicos, a indumentária, o cenário onde se agitam, ocupam lugar assás secundário, quási nulo. Não encara a paisagem como motivo de intrínseco valor literário, antes a considera como realidade artística independente, incapaz de ser invertida pelos escritores nos seus poemas (a obra literária digna dêsse nome é sempre, segundo o nosso autor, um poema, mesmo quando escrita em prosa). Eis como êie define a heterogeneidade da obra literária e da paisagem :

« si la Vida, es un soeño que vale la pena de soñarse ; si la obra de Arte ha de ser la expre-

sión, más alta y más fiel de ese soeño; si el pai sage, es después del poema escrito, la más intensa y sugestiva expresión de arte puro...» (*Lirio Rojo*).

As descrições da natureza são, pois, raríssimas. O que encontramos, em especial no início dos capítulos das novelas, são alusões à natureza. Muito ao gôsto simbolista, serve-se dela como orquestração, como sinfonia de abertura. Com a convicção de que a arte literária é basicamente formal e de que a forma é tanto mais artística quanto mais poética, Vargas Vila exclui do seu estilo o que não seja cadência, ritmo, som. A linguagem é, por tal motivo, cuidadosamente escolhida, por isso, não raro afectada e preciosa. Está, como em Mallarmé, pejada de artifícios, no intuito de satisfazer a ânsia de beleza fluida, alheia à inteligência e inimiga do vulgar. Construe a frase segundo o seu gôsto artístico e não como determinam as regras da syntaxe. Daí, a substituição do ponto final por ponto e vírgula e a separação do sujeito do predicado por meio de vírgula:

« en el Gólgota, al decir de la Leyenda, los hombres, crucificaron a um dios;

« en el Cáucaso, los Dioses, crucificaron a un Hombre;

« pero, ese hombre era el genio;

« esta Leyenda, vale mas que la otra;

« el Cáucaso, está. más Alto que el Gólgota ;
« porque el sacrificio de um genio vale más
que el sacrificio de un dios ; » (*Sombras de Agui-
las*).

Daí, os trocadilhos e o abusivo emprêgo de
maiúsculas para chamar a atenção sôbre certas e
e determinadas palavras, não só quando elas en-
cerram um pensamiento excepcional mas também
quando traduzem determinada representação mu-
sical :

« se múeren de Hambre, (fala dos homens de
letras) por el Hambre de no morir. » (*El Ritmo
de la Vida*).

.....

« en la Vida, sol el Mal es el Vencedor ;
« el bien es un Vencido, eternamente arras-
trado por caminos de Irrisión, hacia Gólgotas San-
grientos. » (*Lirio Negro*).

III

Até aqui a exposição, só fugitivamente comentada, daquilo que, por mais saliente, caracteriza a obra de Vargas Vila. Urge agora, e à guisa de epílogo, emitir alguns juízos estimativos de certos princípios e afirmações, não vá julgar-se que, no autor, tudo é ouro de lei. Não, por entre, magníficas coisas, também por lá deslumbra muito brilho falso. Por entre o loiro trigo, cresce abundante o daninho joio. Mondemos a seara.

Comecemos pela arte. Êle nega-lhe tôda a condição racional. Já acima o ouvimos exclamar: « la Belleza, murió a manos de la Razon ». Depois, e sempre que trata desta questão, conclue que a arte é fundamentalmente sensação.

O problema vai ficando velho e está esclarecido suficientemente. Ainda há pouco, e nas colunas da *Seara Nova*, o versou a pena autorizada do sr. António Sérgio, rechaçando a crassa ignorância daqueles que opinam que o plano racionalista se opõe ao plano artístico. Podia, pois, dispensar-

-me de discutir o que já está discutido, e com aquela proficiência que, ai de mim! nem de longe possuo. Todavia, como em questões desta ordem nunca é demais repetir, direi: não há sensações puras. A sensação pura é uma irrealidade, é uma abstracção, não passa de uma mancha informe a perder-se na nebulosa do indefinido. Ela só tem vida, só tem ser, depois que o espírito a enquadra no sistema geral da inteligibilidade. Qualquer breve manual de filosofia nos ensina que tôda a sensação é já uma operação mental completa, embora elementar. Onde há sensação há razão. De resto, diz-nos a psicologia que a vida psíquica é um todo cuja harmonia resulta da interdependência das várias funções e diz-nos a *Razão Experimental* que a razão e a experiência se ajustam não para se mutilarem mas para vibrarem em unísono (é por este motivo que a ciencia não mutila a vida, ao contrário do que afirmou o sr. Cardeal Patriarca). Compreender racionalismo como uma espécie de cilindro esmagador dos sentimentos (os que assim pensam, ¿ que entendem por intuição racional?) é grande disparate; porque o racionalismo não é isso. Mas proclamar que a arte é a manifestação de sentimentos estranhos — senão contrários — à razão, é disparate ainda maior. Pois a primeira condição da arte — para que o artista possa comunicar com o público — ¿ não é ser inteligível? Se é, com facilidade se conclue que o homem que só escrevesse ou falasse sentimentos não podia

ser compreendido e semelhante desarranjo apenas ao caos havia de conduzir. Goethe escreveu algures que a verdadeira poesia é aquela que com mais facilidade se pode verter para prosa — o que, reduzido a uma expressão universal, significa que a arte há-de traduzir-se em termos racionais para que verdadeiramente atinja o belo. Quer dizer, é precisamente a razão que dá à arte aquela delicadeza espiritual que a impele para as regiões do ideal, da perfectibilidade.

Por outro lado, a história da literatura prova outro-sim a veracidade desta tese. Repare-se na arte literária da França no século xvii. É incontestável que a França tem aí a sua idade de ouro. Pois bem, a partir da publicação do *Discurso do método*, tóda a vida literária francesa gira em tórno das influências de Descartes, o pai da filosofia da razão. Até me parece que o processo cartesiano deixou na literatura do seu tempo, em França, vincos mais fundos do que os provenientes da sugestão dos clássicos. ; Não é verdade que são cartesianos o gôsto da clareza e evidência, a tendência para a sistematização e lógica, a preocupação da dúvida e da análise, a ordem, a quebra da autoridade escolástica no domínio do pensamento — tudo isto constituindo as qualidades genuinamente típicas da grandiosa literatura francesa seiscentista ?

Além de que não necessitamos de sair da nossa casa para vermos que a razão e a arte se irmanam por vezes em lampejos de beleza imarcescível.

Para citar só dois exemplos: atente-se no caso de José Anastácio da Cunha, em que o matemático realçou o poeta e atente-se, em particular, no caso decisivo de Antero. ¿Há quem negue em Antero o culto da razão? Creio que ninguém, nem mesmo aqueles... que não ousam chamar-lhe mais do que *herói e santo*.

Esta concepção da arte anti-racionalista conduziu Vargas Vila à concepção duma poesia tóda formal. *Abyssus abyssum invocat...* Exprime o autor, como já tivémos ocasião de ver, que «la Idea no es problema para el Canto...»; que a essência poética é exclusivamente ritmo.

Confessemos, desde já, a enorme confusão que aqui vai. ¿Pois as palavras são mais alguma coisa que os envólucros das ideas? ¿Poderá haver palavras que não exprimam ideas ou relações entre ideas? Pode a palavra modificar, dentro de certos limites, a idea; o que não pode é anulá-la ou, o que mais é, dispensá-la. O simples vocábulo *adeus* pode significar cumprimento, raiva, desalento, despedida, etc. Tudo é uma questão de inflexão de voz, de rapidez ou morosidade de pronúncia, de som grave ou agudo... Além disso, tem mais ou menos realce a frase, mais ou menos clareza, mais ou menos *souplesse*, conforme o lugar que nela ocupa o mesmo *adeus*. É por esta razão que cada escritor tem o seu estilo, assim como cada povo vasa na linguagem que fala e escreve a sua psicologia e a sua cultura. Revela a língua espa-

nhola a arrogância cavalheiresca da sua raça; trai o grego a sede de harmonia e de beleza que queimava a alma helénica; desvenda-nos a rudeza dos dialectos africanos todo o atraso da raça negra.

A idea precedeu a palavra; esta é uma criação do homem, o mais racional meio de comunicar com os outros homens. Mas note-se: é um meio e não um fim. O fim — que é a máxima ansiedade humana, porque a nossa vida é esforço permanente de compreensão — é o pensamento, a idea. Tôda a curiosidade, todo o valor estão no conteúdo e não no continente. Nestes termos, na poesia como em tôda a arte literária, como sempre que o homem comunica com outros homens, o interêsse maior e a maior beleza estão no elemento idea.

Entenda-se bem: eu não quero de maneira nenhuma negar beleza à forma. O que eu nego é que ela tenha beleza artística independente, como parece pretender Vargas Vila; o que eu concludo, emfim, é que tôda a arte literária se baseia em procurar a expressão justa e própria de ideas oportunas. Bergson, em *L'Âme et le Corps*, conferência publicada em *Le Matérialisme Actuel*, aponta-nos, com mão de mestre, (1) o verdadeiro papel

(1) Mestre lhe chamo eu neste pormenor e mestre se lhe poderá chamar em muitos outros passos da sua obra. Creio, porém, que Bergson, analisado no conjunto da sua actividade filosófica, nem sempre merece tão honroso título. O grande filósofo é aquele que ama a lógica, a clareza e a precisão. Ora o bergsonismo é confuso e impre-

que compete às palavras adentro da literatura: «En réalité, l'art de l'écrivain consiste surtout à nous faire oublier qu'il emploie des mots. L'harmonie qu'il cherche est une correspondance entre les allées et venue de son esprit et celles de son discours, correspondance si parfaite que, portées par la phrase, les ondulations de sa pensée se communiquent à la nôtre et qu'alors chacun des mots, pris individuellement, ne compte plus.» Ora cá está com tōda a clareza e em oposição categórica a Vargas Vila: a solução do problema literário consiste em o escritor fazer esquecer que emprega palavras. O ritmo da palavra não tem outro fim que não seja traduzir o ritmo do pensamento. É, pois, no ritmo do pensamento que está a essência da poesia... Porque ela é tanto mais poesia, é tanto mais arte, quanto mais se humanizar. E humanizar-se é racionalizar-se.

Mas eu sei que esta idea da racionalização é precisamente o que causa calafrios a Vargas Vila, visto que implica a idea de impersonalização, que radicalmente se opõe ao seu feroz individualismo, feito à imagem e semelhança de Nietzsche e de Ibsen. E eis-nos, assim, em frente de outro erro — o individualismo anárquico — de graves consequências. Em arte, produziu êste culto exagerado

ciso; fala uma linguagem de habilidades e de injustificáveis subjectivismos, além de que, pela sua teoria intuicionista, veio quebrar a linha racionalista da filosofia francesa.

do *eu* (salvo o caso excepcional de Ibsen e pouco mais) a pavorosa degenerescência manifestada nas correntes simbolista, decadentista, futurista e quejandas; em moral, opôs à bela teoria do *Ideal* a teoria escabrosa do *Instinto* (escreve Vargas Vila em *El Ritmo de la Vida*: « El Instinto es la unica Realidad en nosotros; ... Espiritualizar el Instinto, es bastardearlo... »); no campo social propagandeou o isolamento individual, reputando possível separar o indivíduo da colectividade. Vale a pênna para um momento a discutir êste ponto.

Evidentemente que o indivíduo é o fundamento básico da sociedade; evidentemente que é o indivíduo que a impulsiona no sentido duma vida mais progressiva e mais alta; evidentemente que se a maior parte das obrigações se transferiu, no decorrer dos séculos, do grupo para o indivíduo, êste revestiu-se, *ipso facto*, duma dignidade pessoal que o transformou num valor próprio, independente. Na ordem social o homem é comêço e fim. Contudo, o indivíduo, « mesmo o melhor dotado (assim escreveu algures não sei quem), o artista mais original, não pode prescindir da multidão». Liga-o à colectividade não só uma rêde de interêses materiais mas também e muito principalmente, tôda a sua vida espiritual. Deu-lhe a sociedade moderna o carácter sagrado da sua pessoa, ela o inspira, estimula e glorifica.

Em política, finalmente, revelou-se o individualismo absoluto contra a democracia. Vargas Vila

não condenou irremissivelmente o regime democrático porque, como noutra ponto já salientei, o admitiu como o menor dos males. Todavia, apesar desta atenuante (que só o pode ser quanto ao acto e não quanto à intensão, sendo esta exactamente o que mais interessa à teoria e à moral democráticas), não se pode considerar democrata quem, como Vargas Vila, nega a igualdade e a fraternidade, e concebe a liberdade dum ponto de vista tão restritivo. Vejamos o que elle nos diz de cada um dos componentes da velha trilogia e façamos-lhe a indispensável correcção.

Em primeiro lugar — quanto à liberdade:

« Todo Pueblo es, naturalmente, esclavo;

« La Libertad, es un sentimiento de selección, y, solo las grandes almas, son almas libres »; (*Sombras de Aguilas*). Seja a liberdade um sentimento de selección, desde que neste conceito se subentenda que ela é *poder de escolha entre os motivos*. O que é preciso é não a confundir com independência absoluta, como faz Vargas Vila, indo desta sorte cair na *liberdade da indiferença*, no indeterminismo, no absurdo.

¿ Qual a causa deste erro não só de Vargas Vila como de muitos outros escritores que superficialmente têm tratado desta questão? A causa do erro está em considerarem a liberdade como um facto natural e não uma « conquista da sociedade sobre a natureza ». A liberdade, « em face do povo, da sociedade — já o frisei no citado artigo publicado no *Diário da Noite* — é, aliás, um senti-

mento de solidariedade; é a vontade a agir ao impulso da consciência»; é, émfim, um facto iniludivelmente social. ¿Porquê afirmar, pois, que só as almas de eleição são almas livres? ¿Porventura, não faz o povo parte integrante dessa sociedade que gera, regulamenta e defende a liberdade?

«Certamente que o povo — continuo a trancrever o referido artigo — pelas condições precárias, da sua existência, está, frente à concepção da liberdade, num plano de inferioridade em confronto com as tais «grandes almas». ¿Mas busquemos exclusivamente na ausência de cultura a causa dessa inferioridade. Propiciemos o ambiente; abramos escolas, constituamos centros vulgarizadores de cultura; numa palavra, eduquemos a massa popular e a alma do povo será «livre». Aquele advérbio «naturalmente», que a irreflexão de Vargas Vila consentiu em escrever, é insustentável. Porque naturalmente o povo é livre; quero dizer, é indiscutível a sua possibilidade de ser livre. E o que importa, nesta questão, não é tanto o que é mas, especialmente, o que pode e deve ser». Se a liberdade fôsse exclusivo apanágio deste ou daquele, ela não poderia ter o carácter jurídico que realmente tem. As criações jurídicas, exactamente porque são estereotipações de imperativos morais, gozam, no espaço, duma amplitude universal. Não se compadecem com particularidades, não admitem excepções.

¿E não é ainda a concepção de progresso que nos vem dizer que assim é? ¿Que a totalidade

da massa humana nêle há-de desempenhar papel activo, ombreando com as « grandes almas »? Ainda que o progresso se medisse sòmente a quilómetros de estradas, a metros de frontarias apalaçadas ou a vertigens de raids aérios — ainda, neste caso, êle era também função do povo, do seu sacrifício, do seu trabalho. Mas o progresso, o grande progresso, avalia-se especialmente pela gradual e constante dignificação de todo o ser humano e implica anseio de alma, íntima superação, *liberdade de consciência*.

Em segundo lugar — quanto à igualdade:

« La Igualdad, es la Esperanza, de los debiles y la Amenaza de los fuertes ;

« Ningun Hombre Extraordinario, es un Hombre Igualitario... » (*El Ritmo de la Vida*).

Infere-se desta transcrição que Vargas Vila — que se tem no número dos homens fortes e extraordinários — combate a igualdade, na qual vê a ruína dos grandes espíritos, a profanação da inteligência. Por outras palavras, o autor milita ao lado dos que aspiram a fazer da sociedade uma organização natural alicerçada na natureza dos seres que a compõem. Para o seu critério de realista (infelizmente nem só os reaccionários são realistas) os homens nascem desiguais, material e espiritualmente, não por razões esporádicas de ordem externa e interna mas por leis imutáveis da vida, que dão o triunfo ao mais forte. É bem de ver que anda aqui a désacreditada e estúpida mania de querer fundamentar em bases científicas uma

doutrina que é simplesmente moral. O juízo de igualdade não é de forma nenhuma um *juízo de realidade*; é aliás um *juízo de valor*. Não traz no seu conteúdo leis mas ideal. ; Diz-nos êste ideal que os homens são social e naturalmente iguais? Não, de-certo. Os homens nascem naturalmente desiguais, e são, por mal dos nossos pecados, socialmente desiguais. O que se impõe a nós democratas e a tôdas as consciências que pautam a sua conduta pelos ditames duma razão esclarecida, o que se nos impõe com a fôrça dum imperativo categórico — é reagir contra êsse pesadelo e lutar pela *igualdade moral*, que não significa nivelamento mas *proporcionalidade*. Bem entendidas as coisas, quem nivela são os realistas. Tanto os realistas que alinham na extrêma direita como os que formam na extrêma esquerda. Quer a Itália cooperativista, quer a Rússia soviética, espesinhando a liberdade, impondo um padrão, passam sôbre os homens a rasoira do Estado Omnipotente. Nenhuma cabeça acima do nível prèviamente fixado; nenhuma vontade fora do esquema oficial. ; Ai do que ousar! O pensamento de Moscovo e Roma visa a produzir em série... desde as solas dos sapatos até às inteligências.

Segundo o democrata e de acôrdo com a filosofia de que o real não é heterogéneo ao pensamento, antes é, afirma-o o sr. António Sérgio no vol. III dos *Ensaio*s, « o que deve percepçionar o espírito em virtude das leis da sua actividade pró-

pria », o homem integra-se na colectividade com iguais direitos de se elevar às comuns actividades espirituais. Quando eu digo que o meu engraxador é igual ao sr. Ch. Maurras, de nenhum modo afirmo que a competência do primeiro equivale à do segundo, que o cérebro daquele tem o volume do cérebro dêste, que é igual a cultura dos dois... O que eu afirmo em nome da razão e o que eu desejo em nome da perfectibilidade humana, é que as condições de ambiência social devem proporcionar aos dois iguais possibilidades: na esfera educativa, escola gratuita, com rigorosa selecção conforme os méritos intelectuais; na esfera económica, anulação da diferença entre ricos e pobres de nascença pelo estabelecimento do salário mínimo e da insofismável assistência em tôda a sorte de invalidez; na esfera política, sufrágio universal.

Pode, portanto, — pense Vargas Vila como quiser — o *Hombre Extraordinario* defender à vontade as ideas igualitárias, porque serão eternas as diferenças das aptidões. Emquanto houver homens, há-de haver ao lado do pigmeu o gigante, ao lado do ignorante o sábio, ao lado do nulo o génio!

Em terceiro lugar — quanto à fraternidade:

« La odiosa Fraternidad, asoma alli (na piedade) su hocico repugnante, para lamber el rostro ensanguentado de Abel... » (*Del Rosal Pensante*).

Só fazendo a tal *transmutação dos valores* aconselhada por Nietzsche, é que seria possível proclamar odiosa a fraternidade. ¿Mas seria possível

esta hipótese? Poder-se-ia construir uma moral contra a fraternidade e constituída pelo elemento oposto, o egoísmo? Bastavam os ensinamentos da história para que respondêssemos negativamente. A fraternidade é harmonia, é beleza que se define tanto mais cabalmente quanto mais progressiva fôr a humanidade. Não haveria maneira de suprimir o amor ao próximo, uma vez que não há maneira de retroceder no tempo e na civilização. O eco das vitórias conquistadas no alto do Monte Sagrado e no cimo de Valmy vem e irá repercutindo idades em fora o esforço do homem pelo amor fraterno.

Por outro lado, a negação da fraternidade envolve a idea de opposição entre o indivíduo e a sociedade. E já vimos quanto é falsa esta doutrina: o indivíduo não é um absoluto, a sua personalidade só se realiza completamente ao contacto com o mundo exterior, onde os outros homens ocupam proeminente lugar. A consciência individual fica, assim, inibida de se espriaiar caprichosamente muito para além da consciência colectiva. Da seiva desta se alimenta, desta recebe os mais sensatos esclarecimentos, nesta se sugestiona. Ora a consciência colectiva, conferindo direitos, impõe obrigações — as quais não podem repugnar à nossa consciência individual porque não nos repugnou aceitar e mesmo reclamamos, os correspondentes direitos (ninguém os reclama com mais fragor que Vargas Vila). E se o direito se nos apresenta como um racional, racional há-de ser também a

obrigação. Ora a fraternidade reveste-se, incontestavelmente, dum aspecto de obrigatoriedade moral. Confunde-se, portanto, com o dever e o bem, que são a própria essência da moral universal.

*

* *

Se conceitos inaceitáveis mancham a obra de Vargas Vila, não a mancham menos as muito frequentes contradições. Assim:

É ao mesmo tempo realista e idealista; tão depressa se confessa um intelectual intransigente, como tão depressa nos assevera que a razão é antagónica da arte, que a história é desprezado devaneio, que a filosofia é um mito...

Ora diz (*Lirio Rojo*) que a pátria «es un hecho indiscutible y fatal, bajo el cual se sucumbe si se es debil, y sin el cual se vive si se es fuerte»; ora escreve (*Verbo de Admonicion y de Combate*): «y, pongamos nuestra voz entre el pueblo y la conquista, como pondriamos nuestro cuerpo entre los invasores y la patria, si ese cuerpo pudiera detener un instante, siquiera un solo instante, la Victoria...»

Aqui combate o direito e advoga o extermínio dos fracos, (1) além defende um e outro.

(1) Não transcrevo as passagens em que V. V. ataca o direito e os fracos, porque várias vezes o fiz nos capítulos anteriores.

« Salisbury, ha dado la palabra de orden de la liga formidable: *Los fuertes serán siempre los fuertes, y los débiles están chamadas a desaparecer* ;

« y, en virtud de este aforismo monstruoso, que como los cascos del caballo de Atila, pasa extinguiendo el germen del Derecho... »

Agora, exorta :

« no servir la tiranía, es la mitad del Deber ; matarla es todo el Deber ; el genio, que volver la espaldas a ese Deber hace traición a su Gloria y al Destino... »

Depois, parece justificar essa mesma tirania ao definir a natureza humana :

« ... la Humanidad, es, un rebaño. en busca siempre de un Pastor » (*Sombras de Aquillas*),

Não merece a pênna continuar com as transcrições. Os exemplos choeriam em torrentes. Poucas vezes, mesmo, tenho lido escritor tão inconstante. ¿Qual a causa deste desarranjo? Primeiramente, a falta de disciplina mental, a qual disciplina mental, como vimos através desta leve critica, não só não é incompatível com a arte como até lhe é indispensável; por último, a preocupação de reduzir toda a beleza literária à forma, o apresentar com ares de originalidade ideas a outros pertencentes e o prurido de dar foros de profundo ao que é superficial !

Mas o erro indesculpável de Vargas Vila, quando discorre sobre problemas de caráter intelectual ou artístico, consiste, sobretudo, em adoptar um cri-

tério de verdade que não coincide com o critério universal. Pior: não se ajusta à natureza humana. O homem constitui extrínseca e intrinsecamente uma unidade em que tudo é relação e harmonia: é relação a idea e é relação a experiência, sendo harmonia esse trabalho criador em que o espírito, Penélope incansável, ajusta a idea à experiência para em cada instante reconstruir o esquema dum novo mundo percebido. Negar — como faz Vargas Vila, a quem só os absolutos seduzem — essa relação, é errar no campo da filosofia e errar no campo da arte.

Todavia, e para ser justo, devo terminar como principiei: merece a pena ler a obra de Vargas Vila. Por entre senões que a ensombram, há clareiras de génio; há riqueza de imaginação e magia de estilo; há audácia e há energia; há desusado vigor no expandir do seu pensamento de rebelde, de ateu, de materialista. Êle pode não resolver ou resolver erradamente a *problemática* espiritual que põe nos seus livros, mas enuncia-a com ansiedade e paixão, sendo, por isso, sugestiva a sua leitura. Nela perpassa tudo o que há para nós de superior interêsse: a beleza e a arte, a vida e a morte, a alma e o corpo, Deus e o homem...

